



COLEÇÃO **10**

© 2007, Editora Sundermann

A editora autoriza a reprodução de partes desse livro para fins acadêmicos e/ou de divulgação eletrônica, desde que mencionada a fonte.

Supervisão editorial: João Ricardo Soares e Luiz Gustavo Soares

Produção editorial: Fernando Ferrone

Tradução: Lígia Gomes

Revisão: Luiz Gustavo Soares e Diego Siqueira

Projeto gráfico, capa e editoração eletrônica: Kit Gaion

Dados internacionais de catalogação elaborados na fonte  
por Iraci Borges – CRB8 - 2263

---

Kollontai, Alexandra (1872-1952).

Autobiografia de uma mulher comunista sexualmente emancipada. Traduzido por Lígia Gomes. São Paulo: Editora Sundermann, 2007.  
88 p. (Coleção 10, 3)

ISBN: 978-85-99156-17-9

1. Biografia – Alexandra Kollontai. 2. Autobiografia – Alexandra Kollontai. 3. Emancipação sexual – mulher comunista. I. Título. II. Gomes, Lígia, trad.

CDD: 396

---

Índice para catálogo sistemático

Alexandra Kollontai. Emancipação sexual. Mulher comunista

*Traduzido a partir de The Autobiography of a Sexually Emancipated Communist Woman, Nova York, Herder and Herder, 1971. Publicado pela primeira vez em 1926.*

Editora Sundermann

Rua Matias Aires, 78 · 01309-020 · Consolação · São Paulo · Brasil

+55 -11 3253 5801 (tel) · +55 -11 3289 8097 (fax)

vendas@editorasundermann.com.br · www.editorasundermann.com.br

Alexandra Kollontai

**Autobiografia de uma mulher  
comunista sexualmente  
emancipada**



*Sundermann*

São Paulo, 2007



## **SUMÁRIO**

- 07** Advertência dos editores
- 11** Apresentação
- 25** Os objetivos e o valor da minha vida
- 41** Os anos de emigração política
- 57** Os anos da revolução
- 77** Os anos de serviço diplomático
- 83** Notas



## **ADVERTÊNCIA DOS EDITORES**

Com a edição dessa obra, quisemos recuperar a memória da grande militante revolucionária russa que inaugurou a preocupação soviética com a mulher e também a viu dispersar-se, virando a autora mesma alvo discreto da perseguição stalinista. À Editora Sundermann interessa sobretudo oferecer às leitoras e leitores brasileiros a narrativa de vida de uma mulher de família rica que fora educada para o casamento e a vida doméstica acomodada, mas que progressivamente desenvolveu uma postura crítica e passou a dedicar sua vida à classe trabalhadora e ao seu maior objetivo histórico, a libertação da Humanidade da opressão e da exploração pela via revolucionária. Para isso teve de separar-se do marido que considerava sua adesão ao marxismo uma afronta a

si próprio. Entretanto não seria esse seu último obstáculo masculino, como aqui se lerá.

Para essa tradução utilizamos a versão inglesa disponível em <http://www.marxists.org>, digitalizada a partir da publicação de Herder & Herder de 1971, vertida por Salvator Attansio. Nessa versão, todas as censuras feitas pelos responsáveis soviéticos estão grifadas, e as opções dadas pela autora, também recusadas por eles, estão como notas de fim. Optamos por não manter essas indicações dos abusos stalinistas, apesar de muito interessantes para uma análise atenta da forma de pensar desse regime degenerado – há desde censuras mais óbvias, como a referência a Kautsky, sobre quem o vaticínio de Lenin sequer poderia ser avaliado, ou a retirada da primeira pessoa no trecho sobre o acordo obtido com a Noruega, que passou a ser ratificado na forma passiva, ou ainda um parágrafo inteiro em que critica o sentimento amoroso de seus camaradas como ainda muito egocêntrico, até termos banais e frases pouco significativas que os censores amputam e destacam, cabendo ainda reputar essas imposturas à preocupação política ou meramente estilística. Duas motivações impeliram-nos: uma tal profusão de notas de fim, mais de cem, tornaria a leitura extenuante e a apresentação gráfica do livro, com tantos números e trechos grifados, confusa.



Com isso esperamos que o objetivo da publicação não seja perturbado e possa ser atingido pelo maior número de pessoas possível, sem maiores dificuldades. A Editora Sundermann considera essa escolha sua forma de honrar Alexandra Kollontai, mantendo suas experiências de vida no centro dessa obra como quis a autora.

*São Paulo, junho de 2007*



## **APRESENTAÇÃO**

Conhecer a personalidade, a atividade militante e os trabalhos teóricos de Alexandra Kollontai são ações fundamentais não apenas para as militantes feministas ou para as mulheres e homens engajados na luta política em prol do socialismo hoje. É fundamental também para as mulheres e homens que ainda não despertaram para a necessidade de lutar pelo socialismo mas que já se preocupam em entender a história e o papel que as pessoas desempenham nela, as respostas que deram para cada um dos problemas que enfrentaram e a disposição com que se lançaram aos desafios de seu tempo. Neste livro, podemos ver como a realidade faz o Homem, como a existência determina a consciência e como a voragem dos acontecimentos vai exigindo que nossas respostas

diante de cada fato tenham, apesar de todos os contratempos, uma linha de coerência. Mas podemos ver também que um homem ou uma mulher conscientes podem incidir em sua existência e ser capazes de transformá-la.

Nesta sua autobiografia, escrita em 1926, Alexandra Kollontai surge diante de nós como um fruto de seu tempo, mas ela não é uma folha ao vento. Seu texto, simples e sincero, revela momentos de indecisão, de dúvida, mas nunca de falta de controle sobre seus próprios atos. E tudo em sua vida parecia forçá-la a isso.

Ela nasceu em 1872 e morreu em 1952, na Rússia. Sua cidade natal, São Petersburgo, era um importante centro industrial, superior a Kiev, Odessa e Moscou. Ali se concentrava a indústria pesada do país, onde logo se constituiu, na medida em que crescia o número de fábricas e a concentração de mão-de-obra, um dos focos mais importantes do movimento operário russo.

Tudo acontecia em São Petersburgo. A cidade vivia um ritmo frenético de agitação política e cultural, tanto que a primeira manifestação operária de toda a Rússia ocorreu ali, em 1876, organizada pelos socialistas do grupo de Plekhanov chamado “Terra e Liberdade”. Filha de uma família conservadora, da nobreza latifundiária, Alexandra Kollontai respirava esse clima dentro

das quatro paredes de casa. Sofrendo na pele todas as formas mais cruéis de opressão que se abatiam sobre as mulheres russas, ela nunca frequentou uma escola, porque seus pais achavam que o estudo faria dela uma pessoa rebelde e isso era coisa de homem. Foi educada em casa, mas a rebeldia entrou porta adentro pelas mãos de Marie Strakhova, sua professora, que participava de um dos grupos de jovens revolucionários de São Petersburgo.

O que aconteceu daí em diante a própria Alexandra nos conta nas linhas desta autobiografia. O que podemos resgatar de sua trajetória, a trajetória de uma militante revolucionária, de uma mulher acossada pelo preconceito de uma sociedade atrasada e conservadora, mas que não abaixou a cabeça diante de todas as pressões e entregou os melhores anos de sua vida à construção do socialismo na Rússia? Que exemplos ela nos deixa a nós, mulheres do século 21 igualmente empenhadas em compreender o mundo em que vivemos para poder transformá-lo? Conhecer as respostas que Alexandra Kollontai deu aos problemas de seu tempo, uma mulher diante da necessidade imperiosa de conquistar as massas de mulheres trabalhadoras e pobres da Rússia porque essa era uma condição imperiosa para a vitória da revolução, pode ajudar-nos a fazer o mesmo hoje. E a

situação da mulher russa era tão crítica que parecia impossível sua emancipação num horizonte próximo. A família, na cidade e no campo, era um pólo de reprodução da ideologia patriarcal mais retrógrada, dos costumes e tradições mais conservadores. O homem era o agente ativo que decidia e controlava, desde os núcleos menores, como a família, até as instituições do Estado. A mulher estava relegada a um segundo plano. Seu destino sobre a terra já estava traçado ao nascer: casar e procriar. No campo, ela era praticamente uma escrava do homem, cumprindo ordens, cuidando dos filhos, carregando nos ombros o peso das tarefas mais embrutecedoras, como o cuidado da casa e da limpeza dos campos. Nas cidades, a mulher russa demorou a incorporar-se em massa ao trabalho industrial, e quando o fez, confiscada pelo capital, foi sob o jugo de uma exploração desumana.

Porém, as contradições da vida precisam ser trazidas à tona. E a mais evidente delas é que suportar calada essa situação de opressão brutal não trazia para a mulher qualquer vantagem; a submissão não lhe rendia uma vida de paz e tranquilidade; a aceitação passiva de seu lugar na sociedade não significava para ela uma porta aberta para vivenciar a plenitude de sua feminilidade ou da maternidade. Exatamente o contrário. O lugar subalterno reservado à mulher custava caro à classe tra-

balhadora russa. O preço pago por essa opressão era alto demais, era uma vida de carência constante, de superexploração nas fábricas, de miséria e atraso no campo. Era uma imensa quantidade de força de trabalho destruída, e sobretudo um potencial de força revolucionária que permanecia desorganizada e sem consciência de classe, relegada a um segundo plano. O czarismo e as classes privilegiadas entendiam bem essa situação e reforçavam essa ideologia nefasta.

Alexandra Kollontai não demorou em perceber essa enorme contradição da sociedade russa. Como transformar tudo isso sem que a mulher tivesse uma participação ativa nesse processo? Sem que ela tomasse em suas mãos o seu próprio destino? E, sobretudo, como vencer a opressão da mulher no conjunto da sociedade sem vencer a enorme exploração a que ela e toda a classe trabalhadora estavam submetidos? Essas perguntas foram sendo respondidas no calor na luta. O nascimento das mobilizações de mulheres proletárias já se deu contra a dupla exploração a que estavam submetidas: como mulheres e como trabalhadoras. Seu despertar e sua incorporação ao movimento operário foram lentos, mas firmes e decisivos. Desde o final do século 19 muitas mulheres russas já vinham lutando pela igualdade com o homem, na perspectiva da classe operária.

As mulheres socialistas dentro dos partidos de esquerda ou em associações próprias levantavam as bandeiras específicas das mulheres: salário igual para trabalho igual, igualdade de oportunidades, creches nos locais de trabalho, proteção social para a mãe e as crianças. Na Alemanha, a importância do trabalho de Clara Zetkin e Rosa Luxemburgo organizando as primeiras associações operárias femininas e uniões de mulheres socialistas refletia-se na Rússia e em Alexandra Kollontai.

A revolução socialista na Rússia significou uma revolução também na situação da mulher. Pela primeira vez um país tomava medidas concretas para alcançar a igualdade entre homens e mulheres.

A revolução de fevereiro de 1917 – ante-sala da revolução decisiva de outubro – iniciou-se no Dia Internacional da Mulher, com manifestações massivas de mulheres em Petrogrado contra a miséria provocada pela participação da Rússia na I Guerra Mundial (1914-1918). A guerra havia empurrado a mulher russa para o mercado de trabalho. Em 1917, um terço dos operários industriais de Petrogrado era composto de mulheres. Nas áreas de produção têxtil da região industrial do centro, 50% ou mais da força de trabalho estava composta por mulheres.

A militância feminina era disputada palmo a palmo pelas diversas tendências políticas. Tanto os bolchevi-



ques quanto os mencheviques tinham jornais especiais para a mulher trabalhadora, como o *Rabotnitsa*, publicado pelos bolcheviques e o *Golos Rabotnitsy*, pelos mencheviques. E Kollontai revelou-se uma escritora criativa e uma oradora de primeira. Os social-revolucionários (SR), que lutavam por uma democracia burguesa na Rússia, por sua vez, propuseram a criação de uma “união das organizações democráticas de mulheres”, que reuniria os sindicatos e os partidos sob a bandeira de uma república democrática. Foi naqueles dias que surgiu a Liga por Direitos Iguais para a Mulher, exigindo o direito de voto para as mulheres acompanhando a batalha que elas travavam no mundo inteiro por seus direitos civis.

Mas com a revolução socialista elas conquistaram muito mais que direitos civis. Pela primeira vez na História, um país legislou que o salário feminino seria igual ao masculino pelo mesmo trabalho. Tanto que, ao finalizar a II Guerra Mundial (1939-1945), contrariamente ao que ocorreu nos países capitalistas, na URSS conservou-se a mão-de-obra feminina e se buscaram os meios para que estas tivessem maior qualificação. Havia mulheres em todos os setores da produção: nas minas, na construção civil, nos portos, enfim, em todos os ramos da produção industrial e intelectual.

Em um país atrasado em relação às questões morais e culturais como a Rússia, com uma enorme carga de preconceitos arraigados há séculos – o que caracteriza em geral os países predominantemente camponeses –, a questão da emancipação da mulher assumia, naqueles momentos difíceis para o jovem Estado operário, contornos tão complexos quanto muitos dos outros aspectos relativos à transformação para o socialismo.

Por isso, Lenin e Trotsky, juntamente com muitas dirigentes mulheres, além de se dedicarem a “explicar pacientemente” às massas, sobretudo às mulheres, quais as tarefas gerais do movimento operário feminino da República Soviética, não esperaram para tomar as primeiras medidas nesse terreno e reverter a situação humilhante à qual estava submetida a mulher russa há séculos.

Essa tarefa tinha dois aspectos fundamentais: a abolição das velhas leis que colocavam a mulher em situação de desigualdade em relação ao homem; e a libertação da mulher das tarefas domésticas, que exigia uma economia coletiva na qual ela participasse em igualdade de condições com o homem.

Em relação ao primeiro aspecto, desde os primeiros meses de sua existência, o Estado operário concretizou a mudança mais radical na legislação referente à mulher. Todas as leis que colocavam a mulher em uma situação

de desigualdade em relação ao homem foram abolidas, entre elas, as referentes ao divórcio, aos filhos naturais e à pensão alimentícia. Foram abolidos também todos os privilégios ligados à propriedade que se mantinham em proveito do homem no direito familiar. Dessa forma, a Rússia soviética, apenas nos primeiros meses de sua existência, fez mais pela emancipação da mulher do que o mais avançado dos países capitalistas em todos os tempos.

Foram introduzidos decretos estabelecendo a proteção legal para as mulheres e as crianças que trabalhavam, o seguro social, a igualdade de direitos em relação ao matrimônio.

Por meio da ação política do *Zhenotdel*, o departamento feminino do Partido Bolchevique, as mulheres conquistaram o direito ao aborto legal e gratuito nos hospitais do Estado. Não se incentivava a prática do aborto e quem cobrava para praticá-lo era punido. A prostituição e seu uso eram descritos como “um crime contra os vínculos de camaradagem e solidariedade”, mas o *Zhenotdel* propôs que não houvesse penas legais para esse crime. Tentou atacar as causas da prostituição, melhorando as condições de vida e trabalho das mulheres, e deu início a uma ampla campanha contra os “resquícios da moral burguesa”.

A primeira Constituição da República Soviética, promulgada em julho de 1918, deu à mulher o direito de votar e ser eleita para cargos públicos. No entanto, igualdade perante a lei ainda não é igualdade de fato. Para a plena emancipação da mulher, para sua igualdade efetiva em relação ao homem era necessária uma economia que a libertasse do trabalho doméstico e na qual ela participasse de forma igualitária ao homem. A essência do programa bolchevique para a emancipação da mulher era sua liberação final do trabalho doméstico por meio da socialização dessas tarefas. Lenin insistia em que o papel da mulher dentro da família era a chave de sua opressão. Mostrava que mesmo com todas as leis que emancipam a mulher, ela continua sendo uma escrava, porque o trabalho doméstico oprime, estrangula, degrada e a reduz à cozinha e ao cuidado dos filhos, e ela desperdiça sua força em trabalhos improdutivos. “Por isso”, dizia, “a emancipação da mulher, o comunismo verdadeiro, começará somente quando e onde se inicie uma luta sem quartel, dirigida pelo proletariado, dono do poder do Estado, contra essa natureza do trabalho doméstico, ou melhor, quando se inicie sua transformação total, em uma economia de grande escala” (1919).

Nas condições da Rússia, essa era a parte mais difícil da construção do socialismo e a que requeria mais

tempo para ser concretizada. E por isso, com a participação ativa e decisiva de Alexandra Kollontai, o Estado operário começou por criar instituições, como refeitórios e creches-modelo, para liberar a mulher do trabalho doméstico. E eram justamente as mulheres quem mais se empenhava na sua organização. Essas instituições, instrumentos de libertação da mulher de sua condição de escrava doméstica, surgiam em todas as partes onde era possível, mas mesmo assim foram poucas para o necessário. A Rússia estava em guerra civil, sendo atacada por seus inimigos, e as mulheres tiveram de assumir, com os homens, as tarefas da guerra e de defesa do Estado operário. No entanto, muitas dessas instituições foram criadas e funcionaram a contento, mostrando seu acerto e a necessidade de sua expansão e manutenção. Por outro lado, as mulheres russas, pela primeira vez na vida, viram as portas das empresas públicas e dos órgãos de administração do Estado abrirem-se diante de seus olhos.

Num discurso em homenagem ao Dia Internacional da Mulher, em março de 1920, Lenin resumiu tudo isso:

*O capitalismo uniu uma igualdade puramente formal à desigualdade econômica e, por consequência, social. E uma das manifestações mais gritantes dessa inconseqüência é a desigualdade da mulher e do homem. Nenhum Estado burguês, por mais democrá-*

*tico, progressivo e republicano que seja, reconhece a inteira igualdade dos direitos do homem e da mulher. A República dos soviets, pelo contrário, destruiu de um só golpe, sem exceção, todos os traços jurídicos da inferioridade da mulher e também de um só golpe assegurou a ela, por lei, a igualdade mais completa.*

Ao contrário do que faz a historiografia burguesa, é de grande interesse para a causa do socialismo de conjunto e das feministas marxistas e revolucionárias em particular resgatar o papel que as mulheres cumpriram nos grandes processos históricos. E nos pequenos também. A publicação da *Autobiografia* de Alexandra Kollontai vai nesse sentido. Com erros e acertos – como ocorre com todos os militantes devotados à causa socialista – Alexandra foi em frente. Não se deteve em seu “papel de mulher”. E com isso conseguiu abrir para todas nós, mulheres das gerações que a seguiram, uma nova perspectiva de vida. Com suas pequenas e grandes ações, suas certezas e suas dúvidas, e sobretudo uma militância incansável, legou-nos algo inestimável: os fatos, a própria história da revolução socialista na Rússia, os primeiros atos do governo soviético, tudo o que foi feito para mudar a situação da mulher. A história, enfim, da qual ela é parte fundamental. Mas não uma história que

hoje se contenta em dormir nas páginas dos livros, mas que está em permanente estado de latência em todas nós e nos serve de prova viva do que a mulher é capaz. Mesmo com o terreno tremendo sob seus pés, quando adquire consciência e encontra uma direção revolucionária da qual pode ser parte e na qual sente firmeza, ela não hesita em ir em frente. Quando se conscientiza de que seu lugar é junto de sua classe e de que sua opressão não é eterna, mas parte do mesmo processo a que está submetida toda a classe trabalhadora, a mulher se torna um soldado da revolução. Quando ela percebe que o socialismo pode significar para ela um novo mundo, e só com a participação decisiva dela é possível desencadear seriamente um processo revolucionário que nos conduza a uma sociedade igualitária, a sociedade socialista, a classe trabalhadora encontra na mulher sua parte mais combativa e abnegada.

Alexandra Kollontai soube compreender tudo isso. E viveu aqueles dias decisivos, no olho do furacão. Temos de conhecer em detalhes tudo o que ela viveu e sentiu nesses momentos cruciais de sua vida. Devoremos então esta sua *Autobiografia*.

*Cecília Toledo*

*maio de 2007*





## **OS OBJETIVOS E O VALOR DA MINHA VIDA**

Nada é mais difícil do que escrever uma autobiografia. O que deveria ser enfatizado? Somente o que é de interesse geral? É aconselhável, acima de tudo, escrever honestamente e prescindir de qualquer convencionalismo introdutório de modéstia. Pois, se alguém é requisitado a relatar sua vida tratando dos acontecimentos que a fizeram útil ao público geral, isso só pode significar que esse alguém já construiu alguma coisa positiva na vida, realizou uma tarefa reconhecida pelas pessoas. Conseqüentemente, é uma questão de esquecer que se está falando de si mesmo, de fazer um esforço para renunciar ao próprio ego com o intuito de, tão objetivamente quanto possível, prestar contas daquilo que construiu

na vida e das suas realizações. Eu pretendo fazer esse esforço aqui, mas se serei bem sucedida é uma outra história. Ao mesmo tempo eu preciso confessar que, em certo sentido, esta autobiografia se apresenta como um problema para mim, pois ao olhar para trás ao mesmo tempo em que espreito o futuro, eu submeto à minha própria consideração os mais decisivos momentos de minha existência e minhas realizações. *Desse modo, eu posso ser bem sucedida ao enfatizar aquilo que diz respeito à luta pela libertação das mulheres e, além disso, o significado social que isso tem.* Que eu não deveria moldar minha vida de acordo com um modelo preestabelecido, que teria que crescer além de mim mesma para ser capaz de discernir o meu verdadeiro ponto de vista, foi uma consciência que eu sempre tive desde a juventude. *Ao mesmo tempo, também tive consciência* que deste modo eu poderia ajudar minhas irmãs a moldar suas vidas, não conforme tradições dadas, mas com a sua própria opção livre, até o limite em que as circunstâncias sociais e econômicas permitam. Eu sempre acreditei que inevitavelmente chegará o tempo em que uma mulher será julgada pelos mesmos padrões morais utilizados para os homens, pois não é a sua específica virtude feminina que lhe dá um lugar de honra na sociedade humana, mas o valor da missão cumprida por ela,

*o valor de sua personalidade como ser humano, como membro da sociedade, como pensadora, como lutadora. Subconscientemente essa foi a força motriz da minha vida e das minhas ações. Fazer as coisas do meu modo, trabalhar, lutar, criar e produzir lado a lado com os homens, e me esforçar para alcançar um objetivo humano universal (por quase trinta anos, de fato, eu pertenci aos comunistas) mas, ao mesmo tempo, dirigir minha vida pessoal e íntima como mulher de acordo com a minha própria vontade e de acordo com as leis da minha natureza. Foi isso que condicionou meu ponto de vista. E de fato eu fui bem-sucedida em estruturar minha vida de acordo com meus próprios padrões e não faço mais segredo das minhas experiências amorosas do que um homem faz das suas. Mas, acima de qualquer outra coisa, eu nunca deixei meus sentimentos, a alegria ou a dor do amor, tomarem o primeiro lugar em minha vida, ao passo que criatividade, ação e luta sempre ocuparam o primeiro plano. Eu consegui me tornar membro do primeiro escalão de um governo, do primeiro governo bolchevique nos anos de 1917-1918. Eu também sou a primeira mulher da História a ser nomeada embaixadora, um cargo que ocupei por três anos e do qual renunciei por vontade própria. Isso pode servir para provar que a mulher pode certamente elevar-se acima das*

condições convencionais da época. A [I] Guerra Mundial e o tempestuoso espírito revolucionário agora predominante no mundo em todas as áreas contribuíram para enfraquecer o doentio e sufocante padrão moral duplo. Nós já estamos acostumados a não fazer exigências muito severas, por exemplo, às *atrizes e mulheres profissionais liberais em assuntos relativos ao seu casamento. A diplomacia, no entanto, é uma casta que, mais do que qualquer outra, mantém seus antigos costumes, tradições e, acima de tudo, seus rígidos rituais cerimoniais. O fato de que uma mulher, uma mulher “livre”, uma mulher solteira, tenha sido reconhecida neste posto sem oposição mostra que chegou o tempo em que todos os seres humanos serão igualmente avaliados de acordo com sua atividade e sua mais alta dignidade humana. Quando eu fui nomeada para o trabalho da diplomacia russa em Oslo, percebi que dessa forma tinha conquistado uma vitória que não era somente minha, mas das mulheres em geral, e de fato, uma vitória sobre seu pior inimigo, qual seja, sobre a moral convencional e sobre conceitos conservadores acerca do casamento. Quando na ocasião eu fui informada de que é realmente digno de nota que uma mulher tenha sido nomeada para um posto de tanta responsabilidade, eu sempre penso comigo mesma que em última análise a principal vitória no*

que diz respeito à libertação feminina não reside apenas nesse fato. Mas antes, o que tem todo um significado especial é que uma mulher, como eu, que acertou as contas com a dupla moral e que nunca ocultou isso, tenha sido aceita em uma casta que ainda hoje se apega firmemente à tradição e à pseudomoral. Logo, o exemplo da minha vida pode também servir para banir *o velho ente mesquinho da dupla moral também das vidas de outras mulheres. E este é um ponto crucial da minha própria existência, que tem certo valor sócio-psicológico e contribui para a luta pela libertação das mulheres trabalhadoras.* Entretanto, para evitar qualquer mal-entendido, é preciso dizer que eu ainda estou muito longe de ser o tipo de mulher positivamente nova que faz suas experiências como mulher com uma relativa leveza e, poderíamos também dizer, com uma invejável superficialidade, cujos sentimentos e energia mental estão direcionados principalmente para todas as outras coisas na vida que não os sentimentalismos amorosos. Afinal de contas, eu ainda pertenço à geração de mulheres que cresceu num momento crítico da História. O amor e suas muitas decepções, com suas tragédias e eternas reclamações pela perfeita felicidade, ainda cumpriram um papel muito importante em minha vida. Um papel demasiado importante! Foi um infrutífero e, em última

instância, totalmente desprezível, dispêndio de energia e de tempo precioso. Nós, as mulheres da geração passada, ainda não compreendemos como ser livres. A coisa toda foi um desperdício absolutamente inacreditável de nossa energia mental, uma diminuição da nossa força de trabalho que foi dissipada em estéreis experiências emocionais. É certamente verdade que nós, eu, bem como muitas outras ativistas, militantes e trabalhadoras contemporâneas, fomos capazes de compreender que o amor não era o principal objetivo de nossas vidas e que nós sabíamos como dar ao trabalho a devida centralidade. Não obstante, nós poderíamos ter produzido e alcançado muito mais, caso nossas energias não tivessem sido fragmentadas na eterna luta com nossos egos e com nossos sentimentos por outros. Foi, de fato, uma eterna guerra defensiva contra a intervenção masculina em nosso ego, uma luta em torno do complexo: trabalho ou casamento e amor? Nós, a geração mais velha, ainda não compreendemos, como a maioria dos homens compreende e como as jovens mulheres estão aprendendo hoje, que o trabalho e a ânsia por amor podem ser harmoniosamente combinados de modo que o trabalho mantenha-se como o principal objetivo da existência. Nosso erro foi que a cada vez sucumbíamos à crença de que nós tínhamos finalmente encontrado aquele único

homem que amaríamos, a pessoa com quem nós acreditávamos que poderíamos mesclar nossa alma, aquele que estava pronto para reconhecer-nos como uma força física e espiritual.

Mas a cada vez reiteradamente as coisas terminavam de outro modo, dado que o homem sempre tentava impor o seu ego sobre nós e adaptar-nos completamente aos seus propósitos. Logo, apesar de tudo, a inevitável revolta interior seguia-se, a cada vez reiteradamente, pois o amor transformava-se em algema. Nós nos sentíamos escravizadas e tentamos afrouxar os laços amorosos. E após as lutas eternas e recorrentes com o homem amado, finalmente nos afastávamos contra nossa vontade e corríamos em busca da liberdade. A partir de então, estávamos novamente sozinhas, infelizes solitárias, mas livres – livres para perseguir nosso ideal adorado e escolhido... o trabalho.

Felizmente, os jovens, a geração atual, não mais precisam passar por este tipo de luta, que é absolutamente desnecessária à sociedade humana. Suas habilidades, sua energia para o trabalho, serão reservadas para sua atividade criativa. Logo, a existência de barreiras transformar-se-á em estímulo.

É essencial relatar aqui alguns detalhes da minha vida privada. Minha infância foi muito feliz, a julgar

pelas circunstâncias externas. Meus pais pertenciam à velha nobreza russa. Eu era a única criança do segundo casamento da minha mãe (mamãe era separada e eu fui concebida fora do segundo casamento, e então adotada) Eu era o mais novo membro da família, o mais mimado e o mais cheio de carinhos. Isto, talvez, tenha sido a raiz do protesto contra tudo à minha volta que muito cedo brotou em mim. Demasiado foi feito para mim de modo a fazer-me feliz. Eu não tinha nenhuma margem de manobra nos jogos infantis de que eu brincava ou nos desejos que eu queria expressar. Ao mesmo tempo, eu queria ser livre. Eu queria expressar os desejos por conta própria, para dirigir minha própria vida de criança. Meus pais eram razoavelmente prósperos. Não havia luxo em casa, mas eu não conheci privação. Contudo, eu via como outras crianças eram forçadas a abdicar de coisas, e eu ficava particularmente chocada pelas crianças camponesas que eram minhas colegas de brincadeiras (nós quase sempre vivemos no interior, na propriedade do meu avô, que era finlandês). Já que eu era uma criança pequena eu criticava a injustiça dos adultos e sofria com a ostensiva contradição que era o fato de que tudo me era oferecido enquanto tanto era negado às outras crianças. Meu senso crítico ficou mais agudo conforme os anos se passaram e um sentimento de revolta contra



as muitas provas de amor à minha volta cresceu a passos largos. Já cedo em minha vida eu enxergava as injustiças sociais predominantes na Rússia. Eu nunca fui para a escola porque meus pais viviam numa constante preocupação sobre a minha saúde e eles não podiam suportar a idéia de que eu deveria passar, como qualquer outra criança, duas horas por dia longe de casa. Minha mãe provavelmente tinha também certo horror das influências liberais com as quais eu poderia entrar em contato no colegial. Mamãe, é claro, considerava que eu já era tinha inclinação suficiente à crítica. Logo, fui educada em casa, sob a direção de uma competente e engenhosa tutora que era ligada aos círculos revolucionários russos. Devo muito a ela, madame Marie Strakhova. Eu fiz as provas que me qualificaram para o ingresso na universidade quando tinha apenas 16 anos (em 1888) e a partir daí esperava-se que eu levasse a vida de uma “jovem da sociedade”. Embora minha educação tenha sido incomum e tenha me causado muitos danos (por anos eu fui extremamente tímida e absolutamente incapaz em assuntos práticos da vida), é preciso entretanto dizer que meus pais não eram de forma alguma reacionários. Ao contrário, eles eram até progressistas para o seu tempo. Mas se apegavam profundamente às tradições no que diz respeito à criança, ao jovem sob o seu teto.

Minha primeira luta amarga contra essas tradições foi em torno da idéia de casamento. Eu deveria arrumar um bom partido e mamãe era inclinada a querer me casar muito jovem. Minha irmã mais velha, aos dezenove anos, contraiu casamento com um cavalheiro de quase setenta anos. Eu me revoltei contra esse casamento de conveniência, esse casamento por dinheiro, e queria me casar apenas por amor, por uma grande paixão. Ainda muito jovem e contrariamente a todos os desejos dos meus pais, escolhi meu primo, um jovem engenheiro sem dinheiro cujo nome, Kollontai, carrego até hoje. Meu nome de solteira era Domontovich. A felicidade do meu casamento mal durou três anos. Eu dei à luz um filho. Embora eu o tenha pessoalmente educado com grande cuidado, a maternidade nunca foi o centro da minha existência. Um filho não fora capaz de tornar mais fortes os laços do meu casamento. Eu ainda amava meu marido, mas a vida feliz de uma esposa e um marido tornou-se para mim uma “jaula”. Cada vez mais minhas simpatias, meus interesses se voltaram para a classe trabalhadora revolucionária da Rússia. Eu lia vorazmente. Zelosamente estudava todas as questões sociais, freqüentava palestras, e trabalhava em sociedades semilegais para o esclarecimento do povo. Estes eram os anos em que o marxismo florescia na Rússia (1893-

1896). Lenin àquela época era apenas um principiante na arena literária e revolucionária. George Plekhanov era a principal liderança da época. Eu me aproximei da concepção materialista da História, desde o início da minha vida adulta me inclinei mais para a escola realista. Era uma entusiasmada seguidora de Darwin e Roelsches. Uma visita à grande e famosa fábrica têxtil Krenholm, que empregava doze mil trabalhadores de ambos os sexos, decidiu minha sorte. Eu não poderia levar uma vida feliz e pacífica enquanto a classe trabalhadora estava tão terrivelmente escravizada. Eu simplesmente tinha que aderir a esse movimento. Nessa época, isso levou a divergências com meu marido, que sentia que minhas inclinações constituíam um ato de desafio pessoal diretamente contrário a ele. Eu deixei meu marido e meu filho e empreendi uma jornada a Zurique com o objetivo de estudar economia política com o professor Heinrich Herkne. Com isso teve início minha vida consciente em defesa dos objetivos revolucionários da classe trabalhadora. Quando voltei para São Petersburgo em 1899, liguei-me ao clandestino Partido Social Democrata Russo (POSDR). Eu trabalhei como escritora e propagandista. A sorte da Finlândia, cuja independência e relativa liberdade estavam sendo ameaçadas pela política reacionária do regime czarista no fim

dos anos 1890, exerceu um poder de atração todo especial sobre mim. Talvez minha gravitação particular em torno da Finlândia resultou das impressões que recebi na propriedade do meu avô na infância. Eu ativamente aderi à causa da libertação nacional da Finlândia. Logo, meu primeiro grande trabalho científico em economia política foi uma investigação abrangente das condições de vida e trabalho do proletariado finlandês em relação à indústria. O livro saiu em 1903 em São Petersburgo. Meus pais tinham acabado de falecer, meu marido e eu já vivíamos separados há muito tempo, e apenas meu filho permanecia sob meus cuidados. Agora eu tinha a oportunidade de me dedicar completamente aos meus objetivos: o movimento revolucionário russo e o movimento da classe trabalhadora de todo o mundo. Amor, casamento e família eram todos assuntos secundários e transitórios. Eles estavam lá, continuavam se entrelaçando com minha vida. Mas, por maior que fosse meu amor por meu marido, assim que ele transgredia certo limite em relação à minha disposição feminina para fazer sacrifícios, a revolta crescia em mim novamente. Eu precisava partir, eu tinha que me separar do homem que escolhi, pois do contrário (esse era um sentimento inconsciente) me exporia ao risco de perder minha identidade própria. É preciso também dizer que nenhum

dos homens que estiveram próximos de mim chegou a ter alguma influência no sentido de dar direção às minhas tendências, lutas ou visão de mundo. Ao contrário, na maior parte do tempo eu era o espírito que liderava. Adquiri minha visão da vida, minha linha política, da própria vida e do estudo ininterrupto dos livros.

Em 1905, à época em que aquela que é conhecida como a primeira revolução na Rússia estourou, após o famoso Domingo Sangrento, eu já tinha adquirido uma reputação no campo dos estudos sociais e econômicos. E naqueles tempos agitados, quando todas as energias eram utilizadas na fúria da revolta, acabei tornando-me uma oradora muito popular. Ainda naquele período eu percebi pela primeira vez quão pouco nosso partido se preocupava com a sorte das mulheres da classe trabalhadora e quão pequeno era o seu interesse na libertação feminina. Com certeza um movimento de libertação das mulheres burguesas já existia na Rússia. Mas meu ponto de vista marxista apontava com uma clareza iluminadora que a libertação feminina somente poderia dar-se como resultado da vitória de uma nova ordem social e um sistema econômico diferente. Logo, eu me joguei na luta entre as sufragistas russas e lutei com todas as minhas forças para induzir o movimento da classe trabalhadora a incluir a questão feminina como um dos

objetivos de sua luta no seu programa. Foi muito difícil ganhar meus companheiros para essa idéia. Eu estava completamente isolada com minhas idéias e demandas. Não obstante, nos anos de 1906-1908 eu conquistei um pequeno grupo de mulheres camaradas do partido para os meus planos. Eu escrevi um artigo publicado na imprensa clandestina em 1906 no qual, pela primeira vez, eu apresentava expressamente a reivindicação de trazer o movimento da classe trabalhadora à cena na Rússia por meio do trabalho sistemático do partido. No outono de 1907, nós abrimos o primeiro Clube das Mulheres Trabalhadoras. Muitos dos membros desse clube, que ainda eram trabalhadoras muito jovens àquela época, agora ocupam cargos importantes na nova Rússia e no Partido Comunista Russo (K. Nicolaieva, Marie Burke etc). Um resultado da minha atividade ligada às mulheres trabalhadoras, mas especialmente dos meus escritos políticos – entre os quais estava um panfleto sobre a Finlândia contendo o chamado para um levante contra a Duma czarista com “armas” – foi a instituição de procedimentos legais contra mim, que me colocaram a sombria perspectiva de passar muitos anos na prisão. Fui forçada a desaparecer imediatamente e nunca mais veria a minha casa. Meu filho foi recebido por bons amigos, minha pequena casa liquidada. Eu me tornei “uma

clandestina”. Foi um tempo de trabalho extenuante.

O primeiro Congresso de Mulheres da Rússia, convocado pelas sufragistas burguesas, foi agendado para dezembro de 1908. Àquela época, a reação estava avançando e o movimento da classe trabalhadora estava prostrado novamente após a primeira vitória em 1905. Muitos camaradas do partido estavam presos, outros tinham fugido para o exterior. A luta ardente entre as duas facções do Partido Comunista Russo tornou a rebentar: os bolcheviques de um lado e os mencheviques do outro. Em 1908 eu pertencia à fração menchevique, tendo sido forçada a isso pela postura hostil tomada pelos bolcheviques em relação à Duma, um pseudoparlamento convocado pelo czar para pacificar os espíritos revoltosos da época. Embora com os mencheviques eu compartilhasse o ponto de vista de que mesmo um pseudoparlamento deveria ser utilizado como uma tribuna para o nosso partido e que as eleições para a Duma deveriam ser utilizadas como um ponto de congregação para a classe trabalhadora, não concordava com eles na questão de coordenar as forças dos trabalhadores com os liberais de modo a acelerar a derrubada do absolutismo. Nesse ponto eu era, de fato, muito radical de esquerda e fui até rotulada como uma “sindicalista” pelos meus companheiros de partido. Dada a minha atitude em relação à

Duma, seguia-se logicamente que eu considerava inútil explorar o primeiro congresso burguês de mulheres no interesse do nosso partido. Não obstante, eu trabalhava com todas as forças e disposição para assegurar que nossas mulheres trabalhadoras que participariam do congresso aparecessem como um grupo independente e distinto. Eu consegui levar esse plano adiante, mas não sem oposição. Meus camaradas de partido acusaram a mim e àquelas mulheres que compartilhavam meu ponto de vista de sermos “feministas” e atribuir demasiada ênfase às questões que diziam respeito apenas às mulheres. À época, não havia qualquer compreensão do papel extraordinariamente importante na luta que se desenvolvia entre as mulheres profissionais autônomas. Ainda assim nossa vontade prevaleceu. Um grupo de mulheres trabalhadoras veio à frente no Congresso em São Petersburgo com seu próprio programa e isso demarcou uma clara linha entre as sufragistas burguesas e o movimento de libertação feminina da classe trabalhadora na Rússia. No entanto, fui forçada a fugir antes do fim do congresso porque a polícia tinha seguido minha trilha. Eu consegui cruzar a fronteira com a Alemanha e então, em dezembro de 1908, teve início um novo período da minha vida, o da emigração política.



## OS ANOS DE EMIGRAÇÃO POLÍTICA

Como uma refugiada política, a partir de então eu morei na Europa e na América até a queda do czarismo em 1917. Assim que cheguei à Alemanha após minha fuga, aderi ao Partido Social-democrata Alemão (SPD), no qual tinha muitos amigos pessoais, dentre os quais especialmente Karl Liebknecht, Rosa Luxemburgo, *Karl Kautsky*. Clara Zetkin também tinha uma grande influência na minha atividade de definir os princípios do movimento das mulheres trabalhadoras na Rússia. Já em 1907 tinha participado, como delegada russa, na primeira Conferência Internacional das Mulheres Socialistas que aconteceu em Stuttgart. Este encontro foi presidido por Clara Zetkin e deu uma enorme contribuição ao desenvolvimento do movimento de mulheres

trabalhadoras em termos marxistas. Eu me coloquei à disposição da imprensa do partido como uma escritora para assuntos sociais e políticos, e também era frequentemente chamada como oradora pelo partido alemão e trabalhava para o partido como uma agitadora, do Palatinado até a Saxônia, de Bremen ao Sul da Alemanha. Mas não assumi nenhum posto de comando no partido russo, tampouco no partido alemão. De maneira geral eu era principalmente uma “oradora popular” e uma estimada escritora política. Eu agora posso confessar abertamente que no partido russo eu era, de forma deliberada, mantida relativamente à distância do centro dirigente, e isso é explicável principalmente pelo fato de que não tinha ainda completo acordo com a política dos meus camaradas. *Mas não tinha nenhum desejo de passar para os bolcheviques, nem poderia fazê-lo, dado que a essa época parecia que eles não tinham importância suficiente para o desenvolvimento do movimento da classe trabalhadora em “amplitude e profundidade”. Logo eu trabalhava por conta própria, quase parecendo que queria permanecer nos bastidores sem colocar meus pontos de vista nem obter uma posição de liderança.* É preciso admitir que, embora possuísse um certo grau de ambição, como qualquer outro ser humano ativo, nunca fui animada pelo desejo de obter “uma

posição”. Para mim, “o que eu sou” sempre foi menos importante do que “o que eu posso”, quer dizer, aquilo que eu conseguiria conquistar. Neste sentido eu também tinha minha ambição que era especialmente notada pela luta em que me colocava de corpo e alma: pela abolição da escravidão das mulheres trabalhadoras. Eu tinha, acima de tudo, determinado para mim a tarefa de ganhar as mulheres trabalhadoras na Rússia para o socialismo e, ao mesmo tempo, trabalhar pela libertação da mulher, pela sua igualdade de direitos. Meu livro *Os Fundamentos sociais da questão feminina* tinha saído logo antes da minha fuga; era uma disputa polêmica com as sufragistas burguesas, mas ao mesmo tempo um desafio ao partido para construir um movimento de mulheres viável na Rússia. O livro desfrutou de um grande sucesso. Ao mesmo tempo, escrevia para a imprensa legal e para a clandestina. Por meio de uma troca de cartas, tentei influenciar camaradas do partido e as próprias mulheres trabalhadoras. *Naturalmente, sempre fiz isso de um modo que exigia do partido que ele abraçasse a causa da libertação feminina.* Isso nem sempre foi uma tarefa fácil. Muita resistência passiva, pouca compreensão, e ainda menor interesse para esse objetivo se apresentavam, reiteradamente, como obstáculos no caminho. Foi somente em 1914, um pouco antes do

início da I Guerra Mundial, que finalmente ambas as frações – os mencheviques e os bolcheviques – passaram a levar a questão de uma maneira séria e prática, um fato que teve para mim um efeito semelhante a uma condecoração pessoal. Dois periódicos para as mulheres trabalhadoras foram lançados na Rússia e o Congresso Internacional das Mulheres Trabalhadoras foi realizado em 8 de março de 1914. Eu ainda vivia no exílio, no entanto, e somente a distância poderia ajudar o tão querido movimento de mulheres trabalhadoras. Eu mantinha estreito contato, também à distância, com as mulheres trabalhadoras da Rússia. Já muitos anos antes eu havia sido apontada pela União das Trabalhadoras Têxteis como delegada oficial para a II Conferência Internacional de Mulheres Socialistas (1910) e, além disso para o Congresso Internacional Socialista extraordinário na Basiléia em 1912. Mais tarde, quando um rascunho de um projeto de lei sobre seguridade social foi introduzido no pseudoparlamento russo (a Duma), a fração social-democrata da Duma (formada pelos mencheviques) solicitou-me a elaboração do rascunho de um projeto de lei sobre assistência social à maternidade. Não foi a primeira vez que a fração reivindicou minha energia para assuntos legislativos. Logo antes de ser forçada ao exílio eu tinha sido apontada por eles – como uma especialista

qualificada – para participar da deliberação da questão da Finlândia na Duma imperial.

A tarefa que tinha sido atribuída a mim, qual seja, a elaboração de um rascunho de projeto de lei no campo da assistência social à maternidade, motivou-me a empreender um estudo completo sobre essa matéria em especial. O *Bund für Mutterschutz*<sup>1</sup>, e o notável trabalho da dra. Helena Stöcker também me forneceram valiosas sugestões. Entretanto, também estudei a questão na Inglaterra, França e nos países escandinavos. O resultado desses estudos foi meu livro *Maternidade e sociedade*, trabalho abrangente de seiscentas páginas sobre assistência social à maternidade e a legislação relevante na Europa e na Austrália. As regulamentações fundamentais e demandas nesse campo, que enumerei ao fim do meu livro, foram executadas mais tarde em 1917 pelo regime soviético, com as primeiras leis de seguridade social.

Para mim, os anos de emigração política foram agitados, cheios de excitação. Eu viajei como oradora pelo partido de país em país. Em 1911, em Paris, eu organizei a greve das donas de casa – “*la grève des menagères*” – contra o alto custo de vida. Em 1912, trabalhei na Bélgica preparando as bases para a greve dos mineradores no Borinage e no mesmo ano o partido me despachou para

a Associação da Juventude Socialista da Suécia, que tinha orientação de esquerda, para fortalecer as tendências antimilitaristas do partido. Vários anos antes – e isso ainda merece ser mencionado aqui – eu havia lutado nas fileiras do Partido Socialista Britânico lado a lado com Dora Montefiore e madame Koeltsch contra as sufragistas inglesas, pelo fortalecimento do ainda muito jovem movimento das mulheres trabalhadoras socialistas. Em 1913, estava de novo na Inglaterra. Desta vez, estava lá para participar ativamente de um protesto contra o famoso “Julgamento de Beilis” que fora instigado pelos anti-semitas na Rússia. Na primavera do mesmo ano, a ala esquerda do Partido Social Democrata Sueco convidou-me a ir à Suécia. Estes foram realmente anos agitados, marcados pelos mais variados tipos de atividade militante. Não obstante, meu partido russo também requeria minhas energias e me apontou como delegada ao Congresso Sindical e ao Partido Socialista. Por fim, com a ajuda de *Karl Liebknecht*, *impulsionei também uma atividade na Alemanha pelos membros da Duma socialistas deportados*. Em 1911, fui chamada pela escola do partido russo em Bolonha, onde dei uma série de palestras. O atual ministro da Educação na Rússia soviética, A. Lunatcharsky, e Maxim Gorki, bem como o famoso economista e filósofo russo A. Bogdanov, foram os fun-

dadores dessa escola do partido, e Trotsky deu palestras na escola na mesma época em que eu estava lá. O atual ministro russo de Relações Exteriores, G. Tchitcherin, que naquela época trabalhava como secretário de uma agência de assistência a refugiados políticos, chamava-me com frequência para palestras públicas sobre os mais diversos problemas culturais da vida russa, de modo a encher a quase vazia caixinha financeira da agência. A seu pedido eu viajei por toda a Europa, mas Berlim era minha moradia fixa. Eu me sentia em casa na Alemanha e sempre apreciei muito as condições lá, tão apropriadas para o trabalho científico. Mas não estava autorizada a proferir discursos na Prússia. Pelo contrário, tinha que permanecer tão quieta quanto possível para evitar a expulsão pela polícia prussiana.

Então estourou a I Guerra Mundial e, mais uma vez, cheguei a um ponto crucial na minha vida.

*Contudo, antes de falar sobre esse importante período da minha existência intelectual, ainda quero dizer algumas palavras sobre minha vida pessoal. A questão é se, no meio de todos esses múltiplos e excitantes trabalhos e tarefas do partido, eu ainda consegui achar tempo para experiências íntimas, para as dores pungentes e as alegrias do amor. Infelizmente, sim! Eu digo infelizmente porque normalmente estas experiências exigem*

*muitos cuidados, decepções e dor, e porque com elas demasiadas energias foram consumidas sem razão. Contudo, o desejo de ser compreendida por um homem no mais profundo, no mais secreto abrigo da alma, de ser reconhecida por ele como ser humano batalhador, repetidamente decidia as questões. E repetidamente a decepção seguia tudo demasiado rapidamente, assim que o amigo via em mim somente o elemento feminino, o qual tentava transformar em uma conveniente caixa de ressonância do seu próprio ego. E dessa forma, repetidas vezes chegou o inevitável momento em que tive que me desembaraçar das correntes da comunidade com um coração dolorido, mas com uma vontade soberana e não influenciada. Então ficava sozinha novamente. Mas, quanto maiores as exigências da vida sobre mim, quanto mais trabalho de responsabilidade esperava ser feito, mais crescia o desejo de ser envolvida pelo amor, pelo calor e pela compreensão. Portanto, conseqüentemente, começava a velha história da decepção no amor, a velha história de Titânia em Sonhos de uma noite de verão.*

Quando da erupção da I Guerra Mundial, eu estava na Alemanha. Meu filho estava comigo. Nós dois fomos presos porque meus papéis de identificação não estavam em ordem. Durante a revista da casa, entretanto, a polícia encontrou um mandato do Partido So-



cial-democrata Russo que me designava como delegada para o Congresso Mundial dos Socialistas. De repente, os cavalheiros de Alexander Platz tornaram-se absolutamente agradáveis: concluíram que uma mulher social-democrata não poderia ser amiga do czar e, em consequência, certamente não seria inimiga da Alemanha. Eles estavam corretos. De fato, eu não era inimiga da Alemanha e menos ainda uma patriota russa. Para mim, a guerra era abominável, uma loucura, um crime, e desde o primeiro momento – mais fruto de impulso do que de reflexão – eu, interiormente, rejeitava-a e nunca pude conciliá-la com minhas idéias até este momento atual. A intoxicação por sentimentos patrióticos foi sempre algo estranho a mim; ao contrário, eu sentia uma aversão a tudo que fosse próximo do superpatriotismo. Não encontrei nenhuma compreensão para minha atitude “antipatriótica” entre meus próprios camaradas do partido russo que também viviam na Alemanha. Somente Karl Liebknecht, sua esposa Sofie Liebknecht, e alguns outros camaradas do partido alemão, como eu, possuíam o mesmo ponto de vista e, como eu, consideravam que era dever de um socialista lutar contra a guerra. Triste coincidência, eu estava presente no *Reichstag* [parlamento alemão] no dia 4 de agosto, o dia em que os créditos de guerra foram votados. O colap-

so do Partido Socialista alemão golpeou-me como uma calamidade sem paralelo. Eu me sentia completamente sozinha e somente encontrava conforto na companhia dos Liebknecht.

Com a ajuda de alguns amigos do partido alemão, pude sair da Alemanha com meu filho em agosto de 1914 e emigrar para a península escandinava. Saí da Alemanha não porque tivesse sentido qualquer manifestação de inimizade em relação a mim, mas somente pela razão de que sem uma esfera da atividade eu seria forçada a viver à toa nesse país. Estava impaciente em empreender a luta contra a guerra. Após chegar ao solo neutro da Suécia, imediatamente comecei o trabalho contra a guerra e pela solidariedade internacional da classe trabalhadora mundial. Um chamado às mulheres trabalhadoras encontrou seu caminho, por vias clandestinas, até a Rússia e outros diferentes países. Na Suécia, escrevi e discursava contra a guerra. Discursava em reuniões públicas, cuja maioria tinha sido chamada pelos mundialmente conhecidos líderes de esquerda do partido sueco, Zeta Höglund e Frederic Ström. Encontrei neles um eco puro das minhas idéias e sentimentos e juntamos forças em uma tarefa comum para a vitória do internacionalismo e contra a histeria da guerra. Foi somente mais tarde que fiquei sabendo da atitude que os principais

dirigentes do partido russo tinham tomado frente à guerra. Quando as notícias finalmente chegaram a nós, via Paris e Suíça, foi para nós um dia de alegria indescritível. Recebemos a garantia de que Trotsky e Lenin, embora pertencessem a frações diferentes do partido, tinham-se levantado ativamente contra a guerra. Assim, eu não estava mais “isolada”. Um novo agrupamento foi apresentado ao partido, os internacionalistas e os “social-patriotas”. Um periódico do partido também foi fundado em Paris. No meio de minhas atividades fervorosas, entretanto, fui presa pelas autoridades suecas e levada à prisão de Kungsholm. O pior momento durante esta prisão foi devido à minha preocupação sobre os papéis de identificação de um bom amigo e camarada do partido, Alexander Schliapnikov, que tinha acabado de chegar clandestinamente à Suécia vindo da Rússia, e pela segurança do qual eu tinha me responsabilizado. Sob os olhos da polícia, consegui escondê-los debaixo da minha blusa e fazê-lo, de algum modo, desaparecer. Fui transferida mais tarde da prisão de Kungsholm à prisão em Malma e então banida para a Dinamarca. Até onde eu sei, fui uma dos primeiros socialistas europeus a ir para a cadeia por causa da propaganda antiguerra. Na Dinamarca, continuei meu trabalho, mas com maior prudência. *Todavia, a polícia dinamarquesa não me dei-*

*xou em paz. Tampouco os social-democratas dinamarqueses mostravam-se amistosos com os internacionalistas. Em fevereiro de 1915, emigrei para a Noruega onde, junto com Alexander Schliapnikov, servi de ligação entre a Suíça – o lugar de residência de Lenin e do Comitê Central – e a Rússia. Travamos estreito contato com os socialistas noruegueses. Em 8 de março do mesmo ano, tentei organizar uma manifestação internacional de mulheres trabalhadoras contra a guerra em Christiania (atual Oslo), mas os representantes dos países beligerantes não apareceram.*

Aquela era a época em que a ruptura decisiva na social-democracia se preparava, uma vez que os socialistas de mentalidade patriótica não podiam colaborar com os internacionalistas. Já que os bolcheviques foram os que lutaram de forma mais consistente contra o social-patriotismo, em junho de 1915 aderi oficialmente aos bolcheviques e passei a manter uma correspondência vívida com Lenin<sup>2</sup>.

Recomecei a escrever em quantidades prodigiosas, desta vez para a imprensa de orientação internacionalista dos mais diversos países: Inglaterra, Noruega, Suécia, Estados Unidos, Rússia. Nesta época um de meus panfletos, *Quem lucra com a guerra?*, apareceu. Escrito deliberadamente a partir de um ponto de vista muito

popular, foi disseminado em edições incontáveis, aos milhões de cópias, e foi traduzido para diversas línguas, inclusive para o alemão. Enquanto a guerra continuou, o problema da libertação das mulheres obviamente teve que retroceder ao segundo plano, já que meu único interesse, meu maior objetivo, era lutar contra a guerra e iniciar uma nova Internacional dos Trabalhadores. No outono de 1915, a seção alemã do Partido Socialista Americano convidou-me para viajar aos Estados Unidos para realizar palestras no espírito de “Zimmerwald”<sup>3</sup>. Eu estava imediatamente pronta para cruzar o oceano com esta finalidade, apesar de meus amigos me aconselharem obstinadamente a não o fazer. Estavam todos profundamente preocupados comigo pois a viagem tinha se tornado muito perigosa como consequência da guerra submarina. Porém, o objetivo seduziu-me enormemente. Minha excursão de propaganda nos Estados Unidos durou cinco meses, durante os quais visitei oitenta e uma cidades e proferi palestras em alemão, francês e russo. O trabalho foi extremamente árduo, mas também frutífero, e tive indícios que me levaram a crer que como resultado dele os internacionalistas se fortaleceram no partido estadunidense. Grande oposição à guerra e debates apaixonados existiam também do outro lado do Atlântico, mas a polícia não me incomodou.

Os jornais, alternadamente, rotularam-me como uma espã do kaiser alemão ou como uma agente da Entente. Eu retornei à Noruega na primavera de 1916. Amo a Noruega, com seus fiordes incomparáveis e suas montanhas majestosas, seu povo corajoso, talentoso e diligente. Nesses tempos, eu vivia na famosa região de Holmenkollen, perto de Oslo, e continuei a trabalhar com vistas a unir todas as forças dos internacionalistas na oposição à Guerra Mundial. Eu compartilhava dos pontos de vista de Lenin, que almejava disseminar a convicção de que a guerra poderia ser derrotada somente pela revolução, pela insurreição dos trabalhadores. Concordava substancialmente com Lenin e estava muito mais próxima dele do que muitos de seus seguidores e amigos mais velhos. Mas minha estada na Noruega não foi longa, porque passados apenas alguns meses de minha chegada tive que embarcar numa segunda viagem aos Estados Unidos, onde permaneci até pouco antes de estourar a Revolução russa (1917). Para mim, a situação nos Estados Unidos tinha mudado na medida em que, nesse período, muitos camaradas do partido russo tinham ido para lá, Trotsky entre outros. Nós trabalhamos fervorosamente pela nova Internacional dos Trabalhadores, mas a intervenção dos Estados Unidos na guerra agravou nossa atividade.

Já estava na Noruega há várias semanas, quando o povo russo se levantou contra o absolutismo e destronou o czar. Um humor festivo reinou entre todos os nossos amigos na política. Mas eu não abriguei nenhuma ilusão, pois sabia que a derrubada do czar seria somente o começo de eventos ainda mais importantes e de lutas sociais difíceis. Assim, apressei-me em retornar à Rússia em março de 1917. Estava entre os primeiros emigrantes políticos que retornaram a sua terra natal libertada. Torneo, a minúscula cidade fronteiriça situada ao norte das fronteiras sueco-finlandesas, pela qual eu tive que passar, vivia ainda um inverno cruel. Um trenó levou-me através do rio que delimita a fronteira. Em solo russo postava-se um soldado. Uma fita vermelha brilhante vibrou em seu peito. “Seus papéis de identidade, por favor, cidadã!” “Eu não tenho nenhum. Eu sou uma refugiada política.” “Seu nome?” Eu identifiquei-me. Um jovem oficial foi chamado. Sim, meu nome estava na lista dos refugiados políticos que deviam ser admitidos livremente no país por ordem do Soviete dos Trabalhadores e dos Soldados. O jovem oficial ajudou-me a descer do trenó e beijou minha mão, quase como uma reverência. Eu estava pisando o solo republicano da Rússia liberta! Isso era possível? Essa foi uma das horas mais felizes de toda a minha vida. Quatro meses mais tarde,

por ordem do regime de Kerensky (o Governo Provisório), o mesmo jovem oficial simpático prendeu-me como uma perigosa bolchevique na estação da fronteira de Torneo... Isso é a ironia da vida.



## **OS ANOS DA REVOLUÇÃO**

Tão avassaladoras eram as arremetidas dos eventos subseqüentes, que até hoje realmente não sei o que devo descrever e enfatizar: o que eu realizei, almejei, consegui? Havia uma vontade individual completa naquele tempo? Não era somente a tempestade onipotente da revolução, o comando das massas ativas, despertadas, que determinaram nossa vontade e nossa ação? Havia um único ser humano que não se curvasse à vontade geral? Havia somente massas de pessoas, unidas em uma vontade bipartite, que se operava a favor ou contra a revolução, a favor ou contra o fim da guerra, e que se posicionava a favor ou contra o poder dos soviets. Olhando para trás percebe-se somente uma operação, esforço e ação maciços. Na verdade, não havia nenhum

herói ou líder. Era o povo, o povo trabalhador, em uniforme de soldados ou com vestimentas civis, que controlava a situação e que gravou sua vontade permanentemente na história do país e da Humanidade. Era um verão escaldante, um verão crucial da maré de inundação revolucionária em 1917! Inicialmente, a tempestade social explodiu furiosamente somente no campo, os camponeses puseram fogo nos “ninhos de pessoas bem-nascidas”. Nas cidades, a luta enfurecida se dava entre os advogados de uma Rússia republicano-burguesa e as aspirações socialistas dos bolcheviques...

Conforme já afirmei anteriormente, eu era membro dos bolcheviques. Nessa condição, imediatamente, dos primeiros dias em diante, encontrei uma pilha absolutamente enorme de trabalho esperando-me. Mais uma vez, a questão era empreender uma luta contra a guerra, contra a coalizão com a burguesia liberal, e em defesa do poder dos conselhos dos trabalhadores, os soviets. A consequência natural desta posição era que os jornais burgueses me tachavam de “louca bolchevique”. Mas isto não me incomodou de modo algum. Meu campo de atividade era imenso, e meus seguidores, trabalhadores de fábrica e mulheres-soldados, chegavam aos milhares. Nesta época eu era muito popular, especialmente como oradora, e, ao mesmo tempo, odiada e brutalmente ata-

cada pela imprensa burguesa. Assim, foi um golpe de sorte que eu estivesse tão entretida com todo o trabalho que mal encontrei algum tempo que para ler os ataques e as calúnias contra mim. O ódio dirigido contra mim, supostamente porque tinha estado na folha de pagamento do kaiser alemão com a finalidade de enfraquecer a frente de batalha russa, cresceu em proporções monstruosas.

Uma das questões mais candentes da época era o elevado custo de vida e a crescente escassez de artigos de primeira necessidade. Assim, as mulheres dos estratos mais atingidos pela pobreza enfrentavam dificuldades indescritíveis. Foi precisamente essa situação que preparou o terreno no partido para o “trabalho com mulheres” de modo que muito em breve nós pudemos realizar algum trabalho útil. Já em maio de 1917, estreou um periódico semanal chamado *Mulheres trabalhadoras*. Fui autora de um apelo às mulheres contra o elevado custo de vida e a guerra. O primeiro ato de massas, com milhares de pessoas, que ocorreu na Rússia sob o Governo Provisório, foi organizado por nós, bolcheviques. Kerensky e seus ministros não fizeram nenhum segredo de seu ódio em relação a mim, a “instigadora do espírito de desorganização” no Exército. Um artigo meu no *Pravda* em particular, no qual intercedia a favor

dos prisioneiros de guerra alemães, desencadeou uma verdadeira tempestade de indignação nos círculos de orientação patriótica. Quando em abril Lenin pronunciou seu famoso discurso programático nos moldes dos soviets, fui a única entre seus camaradas do partido que convenceram os pobres a apoiar sua tese. Quanto ódio este ato particular inflamou contra mim! Com frequência, tinha que pular dos bondes antes que as pessoas me reconhecessem, já que tinha me transformado no assunto do momento e freqüentemente testemunhava pessoalmente os maiores abusos e mentiras dirigidos contra mim. Gostaria de citar um pequeno exemplo para ilustrar como o inimigo trabalhava com todas as forças e disposição para me difamar. Naquele tempo, os jornais hostis a mim já escreviam sobre “os vestidos de festa de Kollontai” o que, particularmente nesses tempos, era risível, porque meu baú tinha sido perdido a caminho a Rússia, assim eu vestia sempre o mesmo e único vestido. Havia até mesmo uma pequena balada nas ruas que comentava sobre Lenin e mim em verso. Tampouco havia algo de extraordinário no fato de que, ameaçada como estava pelas multidões enfurecidas, sempre fui protegida do pior somente pela intercessão corajosa de meus amigos e camaradas do partido. Não obstante, eu mesma experimentei pessoalmente pouco

do ódio em torno de mim e, é claro, havia também um grande número de amigos entusiásticos: os trabalhadores, marinheiros e soldados que eram completamente devotados a mim. Além disso, o número de nossos seguidores crescia a cada dia. Já em abril, eu era membro do executivo soviético que, na realidade, era o corpo político guia do momento, do qual fiz parte como a única mulher e por um longo período. Em maio de 1917, participei da greve das trabalhadoras de lavanderias, que reivindicava que todas as lavanderias fossem “municipalizadas”. A luta durou seis semanas. Não obstante, a principal reivindicação das trabalhadoras de lavanderias não foi atendida pelo regime de Kerensky.

No fim de junho, fui enviada por meu partido a Estocolmo como delegada para uma consulta internacional, que foi interrompida quando chegou a nós a notícia do levante de julho contra o Governo Provisório e das medidas extremamente duras que o governo tomou contra os bolcheviques. Muitos de nossos principais camaradas do partido tinham sido presos, outros, incluindo Lenin, já tinham conseguido escapar e se esconder. Os bolcheviques foram acusados de alta traição e apontados como espiões do kaiser alemão. O levante foi paralisado e o regime de coalizão retaliou contra todos os que manifestaram simpatia pelos bolcheviques.

Imediatamente decidi retornar à Rússia, embora meus amigos e camaradas do partido considerassem-no um empreendimento arriscado. Eles queriam que eu fosse à Suécia e esperasse o desenrolar dos eventos. Por melhor intencionados que estes conselhos fossem – e corretos como também me pareceram mais tarde –, eu, no entanto, não conseguia ouvi-los. Simplesmente, tinha que retornar. Senão iria parecer-me um ato de covardia tirar vantagem do privilégio, que eu obtivera, de permanecer completamente imune das perseguições do Governo Provisório, enquanto um grande número de meus amigos políticos estava na cadeia. Mais tarde percebi que, talvez, eu pudesse ser útil à nossa causa a partir da Suécia, mas estava sob o impulso do momento. Por ordem do regime de Kerensky, fui presa na fronteira de Torneo e submetida ao mais grosseiro tratamento como espiã... mas a própria prisão se realizou de forma bastante teatral: durante a inspeção de meu passaporte solicitaram-me que fosse ao escritório do comandante. Eu compreendi o que aquilo significava. Vários soldados estavam em uma sala enorme, apertando-se uns contra os outros. Dois jovens oficiais estavam presentes também, um deles era o simpático jovem que me tinha recebido tão amigavelmente quatro meses antes. Um grande silêncio dominava o quarto. A expressão facial do primei-

ro oficial, príncipe B., delatou um grande nervosismo. Tranqüila, eu esperei para ver o que aconteceria em seguida. “Você está presa,” explicou o príncipe B. “Então, a contra-revolução triunfou e nós temos outra vez uma monarquia?” “Não,” foi a resposta ríspida, “você está presa por ordem do Governo Provisório.” “Eu esperava por isso. Por favor, traga minha mala para dentro, eu não quero que ela se perca.” “Mas claro. Tenente, a mala!” Eu percebi como os oficiais suspiraram aliviados, e como os soldados saíram da sala com o descontentamento estampado em suas faces. Mais tarde, soube que minha prisão tinha causado um protesto entre os soldados, que insistiram em testemunhar a apreensão. Os oficiais, entretanto, temiam que eu fizesse um discurso aos soldados. “Nesse caso nós estaríamos perdidos”, um deles disse-me mais tarde.

Fui forçada a esperar o curso da investigação, como os outros bolcheviques, em uma prisão de Petrogrado, em isolamento completo. Quanto mais desmesuradamente o regime se voltava contra os bolcheviques, mais a influência deles crescia. A marcha do general branco Kornilov sobre Petrogrado fortaleceu os elementos mais radicais da revolução. O povo exigia que os bolcheviques presos fossem libertados. Kerensky, entretanto, recusava-se a me libertar e foi apenas por uma ordem do

soviete que saí da cadeia mediante o pagamento de uma fiança. Mas já no dia seguinte, o decreto de Kerensky determinando que eu fosse mantida sob prisão domiciliar pesou sobre mim. Não obstante, foi-me concedida plena liberdade de movimento um mês antes da luta decisiva, a Revolução de Outubro em 1917. Outra vez o trabalho acumulou-se. Agora o trabalho de base deveria ser ajustado para organizar um movimento sistemático das mulheres trabalhadoras. A primeira conferência de mulheres trabalhadoras seria chamada. E ela também ocorreu e coincidiu com a derrubada do Governo Provisório e o estabelecimento da República Soviética.

Naquele período, eu era membro do organismo mais elevado do partido, o Comitê Central, e votei a favor da política de levante armado. Eu também era membro de diversas representações do partido nos congressos decisivos e nas instituições do Estado (o Pré-Parlamento, o Congresso democrático etc). Vieram então os grandes dias da Revolução de Outubro. O Instituto Smolny tornou-se histórico. As noites sem dormir, as sessões permanentes. E, finalmente, as declarações agitadas. “Os soviets tomam o poder!” “Os soviets fazem um apelo aos povos do mundo para pôr um fim à guerra.” “A terra é socializada e pertence aos camponeses!”

O Governo Soviético foi formado. Eu fui apontada



comissária do povo<sup>4</sup> ao Bem-Estar Social. Era a única mulher no primeiro escalão do governo e fui a primeira mulher na História a ser reconhecida como membro de um governo. Quando recordamos os primeiros meses do governo dos trabalhadores, meses que foram tão ricos em ilusões magníficas, planos, apaixonadas iniciativas para melhorar a vida, para organizar de novo o mundo, meses do romantismo real da revolução, de fato, gostaríamos de escrever sobre tudo o mais, exceto sobre nós mesmos. Ocupei o cargo de comissária do povo ao Bem-Estar Social de outubro de 1917 a março de 1918. Não foi sem oposição que fui recebida pelos antigos funcionários do ministério. A maioria deles nos sabotou abertamente e simplesmente não apareceu para trabalhar. Mas precisamente esta pasta não poderia interromper seu trabalho, acontecesse o que acontecesse, já que, em si mesma, era uma operação extraordinariamente complicada. Incluía todo o programa de assistência aos mutilados de guerra, e portanto para centenas de milhares de soldados e oficiais aleijados, o sistema de pensão em geral, casas para crianças abandonadas, casas para os idosos, orfanatos, hospitais para os necessitados, as oficinas de manufatura de próteses, a administração de fábricas de baralhos<sup>5</sup>, o sistema educacional, hospitais clínicos para mulheres. Além de toda uma série de institutos

educacionais para meninas que estava também sob a direção deste ministério. Pode-se facilmente imaginar as enormes demandas que estas tarefas impuseram para um pequeno grupo de pessoas que, ao mesmo tempo, eram novatos na administração do Estado. Com plena consciência destas dificuldades, formei, imediatamente, um conselho auxiliar, no qual peritos como médicos, juristas e pedagogos estavam representados ao lado dos trabalhadores e funcionários menores do comissariado. O sacrifício, a energia com que os empregados menores suportaram o peso desta tarefa árdua foi verdadeiramente exemplar. Não era somente uma questão de manter o trabalho do comissariado, mas também de iniciar reformas e melhorias. Forças novas, frescas, substituíram os funcionários sabotadores do antigo regime. Uma vida nova se agitava nos escritórios do comissariado, que antes era altamente conservador. Dias de trabalho pesado! E à noite as sessões do Conselho do Comissariado do Povo<sup>6</sup>, sob a presidência de Lenin. Uma sala pequena, modesta, e somente uma secretária que gravava as resoluções que mudavam a vida de Rússia até suas fundações mais profundas. Meu primeiro ato como comissária do povo foi compensar um pequeno camponês por seu cavalo requisitado pelo Governo. Na verdade, nem por fantasia isto era atribuição do meu comissariado. Mas o

homem estava determinado a receber a compensação por seu cavalo. Tinha viajado de sua vila distante até a capital e tinha batido pacientemente nas portas de todos os comissariados. Com nenhum resultado! Então a Revolução bolchevique estourou. O homem tinha ouvido falar que os bolcheviques eram a favor dos trabalhadores e dos camponeses. Assim, foi ao Smolny, a Lenin, que teria que pagar a compensação. Eu não sei como se deu a conversa entre Lenin e o pequeno camponês. No entanto, em consequência dela, o homem veio-me com uma pequena página rasgada do caderno de Lenin, na qual eu era solicitada a resolver de algum modo a questão, já que, neste momento, o Comissariado do Povo ao Bem-estar Social tinha a maior quantidade de recursos à sua disposição. O pequeno camponês recebeu sua compensação.

*Meu principal trabalho como comissária do povo consistia no seguinte: por decreto, melhorar a situação dos mutilados de guerra, abolir a instrução religiosa nas escolas para as meninas que estavam sob responsabilidade do antigo ministério (isso ainda foi antes da separação geral da Igreja e do Estado) e transferir os clérigos ao serviço civil, introduzir o direito à auto-administração para as estudantes nas escolas para meninas, reorganizar os antigos orfanatos em Casas de Crianças do governo*

*(nenhuma distinção devia ser feita entre as crianças órfãs e as que ainda tinham pais e mães), estabelecer as primeiras hospedarias para o necessitados e os moradores de rua, reunir um comitê, composto somente de médicos, que seria encarregado de elaborar o sistema público gratuito de saúde para o país inteiro. Em minha opinião, a mais importante realização do Comissariado do Povo, entretanto, foi a fundação legal de um Escritório Central ao Bem-Estar Materno e Infantil.*

*O esboço do projeto de lei relacionado a este escritório central foi assinado por mim em janeiro de 1918. Um segundo decreto seguiu-se transformando todas as maternidades em Casas de Atendimento à Maternidade e à Infância gratuitas, buscando, desse modo, estabelecer as bases para um sistema governamental abrangente de cuidado pré-natal. Para lidar com essas tarefas muito me auxiliou o Dr. Korolef. Nós planejamos também um “Palácio de Atendimento Pré-Natal”, uma casa-modelo com uma sala de demonstração, onde aconteceriam cursos para mães e, entre muitas outras coisas, berçários-modelo também seriam implantados. Estávamos apenas terminando as preparações para tal instalação no edifício de um internato feminino no qual as jovens da nobreza eram educadas anteriormente e que estava ainda sob a direção de uma condessa, quando um incêndio destruiu*

*nosso trabalho, que mal tinha começado! O fogo foi deliberadamente provocado...? Fui arrastada da cama no meio da noite. Apressei-me à cena do fogo; a bela sala de demonstração foi totalmente arruinada, bem como todas as outras salas. Somente a enorme placa de identificação, “Palácio do Atendimento Pré-Natal” pendia ainda sobre a porta de entrada.*

Meus esforços de nacionalizar o atendimento materno e infantil desencadearam uma nova onda de ataques insanos contra mim. Mentiras de todo tipo foram ditas sobre a “nacionalização das mulheres”, sobre minhas propostas legislativas que ordenariam assertivamente que meninas pequenas de doze anos fossem mães. Uma fúria especial dominou os religiosos seguidores do velho regime quando, baseada em minha própria autoridade (os demais membros do governo me criticaram mais tarde por esta ação), transformei o famoso mosteiro de Alexander Nevsky numa casa para inválidos de guerra. Os monges resistiram e deu-se uma batalha. A imprensa levantou outra vez um clamor por justiça contra mim. A igreja organizou manifestações de rua contra minha ação e me excomungou...

Recebi incontáveis cartas ameaçadoras, mas nunca pedi proteção militar. Sempre saía sozinha, desarmada e sem nenhum tipo de guarda-costas. Na verdade, nun-

ca dei importância a nenhum tipo de perigo, estando completamente absorvida em questões de caráter totalmente diverso. Em fevereiro de 1918, uma primeira delegação de Estado dos Sovietes foi enviada à Suécia a fim de esclarecer diversas questões econômicas e políticas. Como comissária do povo, chefieei esta delegação. Mas nossa embarcação naufragou; salvamo-nos chegando às Ilhas Aland, que pertenciam à Finlândia. Neste mesmo período, a luta entre os brancos e os vermelhos no interior tinha alcançado seu momento mais crucial e o Exército alemão também estava se apressando para entrar em guerra contra a Finlândia.

As tropas brancas ocuparam as Ilhas Aland na mesma noite de nosso naufrágio, enquanto jantávamos em um hotel da cidade de Marieham e nos alegrávamos com nosso salvamento. Conseguimos escapar graças a uma grande determinação e destreza, contudo um de nosso grupo, um jovem finlandês, foi capturado e levou um tiro. Retornamos a Petrogrado, onde a evacuação da capital era preparada com pressa febril: as tropas alemãs já estavam às portas da cidade.

Começou agora um período obscuro de minha vida do qual não posso tratar aqui, pois os eventos ainda estão frescos demais em minha mente. Mas também chegará o dia em que eu prestarei conta deles.<sup>7</sup>

*Havia diferenças de opinião no interior do partido. Renunciei ao meu cargo como comissária do povo com base em meu total desacordo com a política atual. Pouco a pouco, fui liberada também de todas as minhas outras tarefas. Voltei a dar palestras e adotei minhas idéias sobre “a nova mulher” e “a nova moral”. A revolução dava um giro completo. A luta tornava-se cada vez mais irreconciliável e mais sangrenta, e muito do que estava acontecendo não se encaixava com meu ponto de vista. Mas, no fim das contas, havia ainda a tarefa infinda, a libertação das mulheres. As mulheres, é claro, tinham recebido todos os direitos, mas na prática, é claro, viviam ainda sob a velha opressão: sem autoridade na vida familiar, escravizadas por mil tarefas domésticas, carregando todo o fardo da maternidade, mesmo os cuidados materiais, porque agora muitas mulheres conheciam a vida desacompanhada, em consequência da guerra e de outras circunstâncias.*

No outono de 1916, quando dediquei todas minhas energias a redigir diretrizes sistemáticas para a libertação das mulheres trabalha doras em todas as áreas, encontrei um valioso apoio no primeiro presidente dos soviets, Sverdlov, agora falecido. Assim, o I Congresso de Mulheres Trabalhadoras e Camponesas pôde ser convocado já em novembro de 1918. Umhas 1.147 delegadas

estavam presentes. Desta forma, as bases foram assentadas para o trabalho metódico em todo o país visando a libertação das mulheres das classes trabalhadora e camponesa. Uma nova enchente de trabalho me esperava. O problema agora era encaminhar as mulheres às cozinhas populares e educá-las de modo a dedicar suas energias às casas para crianças e às creches, ao sistema escolar, às reformas da vida doméstica, e ainda a muitas outras questões prementes. A motivação principal de toda esta atividade era implementar, de fato, direitos iguais para mulheres como unidade de trabalho na economia nacional e como cidadã na esfera política e, é claro, com uma ressalva especial: a maternidade devia ser considerada uma função social e, conseqüentemente, ser protegida e garantida pelo Estado.

Sob a orientação do Dr. Lebedevo, os institutos estatais para o cuidado pré-natal também floresceram nessa época. Ao mesmo tempo, escritórios centrais foram estabelecidos no país inteiro para tratar das questões e das tarefas relacionadas com a libertação das mulheres e para inseri-las no trabalho dos soviets.

A guerra civil em 1919 encarregou-me de novas tarefas. Quando as tropas brancas tentaram marchar para o Norte a partir do Sul da Rússia, fui enviada outra vez à Ucrânia e à Criméia, onde inicialmente servi como



presidente do departamento de instrução no Exército. Mais tarde, até a retirada do governo soviético, fui designada comissária do povo à Instrução e Propaganda no governo ucraniano. Consegui enviar quatrocentas mulheres comunistas para fora da zona ameaçada perto de Kiev com um trem especial. Fiz o melhor possível para o movimento de mulheres trabalhadoras comunistas também na Ucrânia.

Uma doença séria afastou-me de trabalhos emocionantes por meses. Mal me recuperei – nesse período estava em Moscou – e assumi a direção da Coordenação para o Trabalho entre as Mulheres e, mais uma vez, um novo período de trabalho pesado e intenso começou. Um jornal de mulheres comunistas foi fundado, conferências e congressos das mulheres trabalhadoras foram convocados. As bases para o trabalho com as mulheres do Oriente (muçulmanas) foram assentadas. Duas conferências mundiais de mulheres comunistas ocorreram em Moscou. A lei que liberava o aborto foi aprovada e um grande número de regulamentações em benefício das mulheres foram introduzidas por nossa Coordenação e confirmadas legalmente. Nesta época, tive que escrever e discursar mais do que em qualquer momento anterior... Nosso trabalho recebeu o apoio completo e incondicional de Lenin. E Trotsky, embora sobrecarre-

gado com tarefas militares, aparecia infalivelmente e de bom grado em nossas conferências. Mulheres enérgicas, talentosas, duas da quais já não estão mais vivas, devotaram e sacrificaram todas suas energias ao trabalho da Coordenação.

No VIII Congresso Soviético, como membro do executivo soviético (agora havia já diversas mulheres neste corpo), propus uma moção indicando que os soviets em todas as áreas contribuíssem para a criação de uma consciência da luta por direitos iguais para mulheres e, conseqüentemente, por envolvê-las no trabalho comunal e no Estado. Consegui que a moção fosse votada e aprovada, mas não sem resistência. Foi uma grande e duradoura vitória.

Um debate inflamado alastrou-se quando publiquei minha tese sobre a nova moral. Pois nossa legislação soviética em relação ao matrimônio, separada da igreja, de fato, não é essencialmente mais progressiva do que a mesma legislação que, no fim das contas, existe em outros países democráticos progressivos. A união, o casamento civil, e embora o filho ilegítimo fosse considerado legalmente igual ao filho legítimo, na prática uma boa quantidade de hipocrisia e injustiça ainda existe nesta área. Quando se fala da “imoralidade” que os bolcheviques supostamente propagaram, basta submeter nossa

legislação relativa ao matrimônio a um exame minucioso para notar que em matéria de divórcio, nós estamos no mesmo patamar da América do Norte, enquanto em matéria de filho ilegítimo nós ainda não progredimos sequer tanto quanto os noruegueses.

A ala mais radical do partido foi formada em torno desta questão. Minhas teses, minhas idéias sobre sexo e moral, foram amargamente combatidas por muitas camaradas do partido de ambos os sexos, assim como ainda com outras diferenças de opinião no partido a respeito dos princípios políticos. O cuidado pessoal e familiar foi adicionado a isso e, deste modo, os meses de 1922 passaram sem trabalho frutífero. Então, no outono de 1922 veio minha nomeação oficial à missão diplomática da representação soviética russa na Noruega. Eu realmente acreditei que esta nomeação seria puramente formal e que conseqüentemente, na Noruega, eu encontraria tempo para me dedicar à minha atividade literária. As coisas acabaram saindo completamente diferentes. No dia de minha entrada no escritório na Noruega, também entrei em uma linha de trabalho completamente nova em minha vida, que sugou todas minhas energias no mais alto grau. Durante minha atividade diplomática, portanto, escrevi somente um artigo, *O Eros alado*, que causou um alvoroço extraordinariamente grande. Foram

adicionados a ele três contos, *Caminhos do amor*, que foram publicados pela Malik-Verlag em Berlim. Meu livro *A Nova moral e a classe trabalhadora* e um estudo sócio-econômico, *A Condição das mulheres na evolução da economia política*, foram escritos quando eu ainda estava na Rússia.

## **OS ANOS DE SERVIÇO DIPLOMÁTICO**

Iniciei minhas atividades na Noruega em outubro de 1922 e já em 1923 o chefe da missão diplomática saiu de férias, de modo que oficialmente tive que conduzir os assuntos da República soviética substituindo-o. Logo depois disso, entretanto, fui designada representante de meu país em seu lugar. Naturalmente, esta nomeação gerou um grande rebuliço, dado que, afinal de contas, era a primeira vez na História que uma mulher era oficialmente ativa como “embaixadora”. A imprensa conservadora, especialmente a imprensa “branca” russa, sentiu-se ultrajada e tentou fazer de mim um verdadeiro monstro de imoralidade e um espectro sangrento. Particularmente agora, foi escrita uma profusão de artigos sobre minhas “idéias horríveis” em relação

ao casamento e ao amor. Não obstante, devo ressaltar aqui que era somente a imprensa conservadora que me recebeu tão hostilmente em minha nova posição. Em todas as relações sociais que tive durante os três anos do meu trabalho na Noruega, nem uma única vez senti o menor traço de aversão ou de desconfiança em relação às capacidades das mulheres. Na verdade, o espírito saudável e democrático do povo norueguês contribuiu muito para isso. Assim, deve ser confirmado o fato de que meu trabalho como representante russa oficial na Noruega nunca foi, de modo algum, dificultado pelo fato de pertencer ao “sexo mais frágil”.

Relacionados à minha posição como embaixadora, também tive que assumir os deveres de um plenipotenciário de comércio da representação comercial governamental russa na Noruega. Naturalmente ambas as tarefas, cada uma a seu modo, eram novas para mim. Não obstante, eu determinei-me a tarefa de efetivar o reconhecimento de direito da Rússia soviética e de restabelecer relações de comércio normais entre os dois países, que tinham sido quebradas pela guerra e pela revolução. O trabalho começou com grande fervor e as mais otimistas esperanças. Um verão esplêndido e um inverno cheio de acontecimentos marcaram o ano de 1923! As relações de comércio recentemente recomeça-

das davam um giro completo: Milho russo e arenque e peixes noruegueses, produtos de madeira russos e papel e celulose noruegueses. Em 15 de fevereiro de 1924, a Noruega de fato reconheceu a URSS de direito. Eu fui nomeada “*chargé d'affaires*” e introduzida oficialmente no corpo diplomático. Agora as negociações para um tratado de comércio entre os dois países começaram. Minha vida estava abarrotada com o trabalho árduo e as experiências igualmente interessantes. Tive também que resolver diversas questões graves relacionadas ao desenvolvimento posterior do comércio e do transporte. Depois de vários meses, em agosto de 1924, fui designada “ministra plenipotenciária” e entreguei minhas credenciais ao rei da Noruega com o cerimonial usual. Isto, é claro, deu à imprensa conservadora de todos os países uma outra ocasião para vomitar suas mentiras sobre mim. Afinal de contas, nunca antes em toda a História uma mulher tinha sido aceita como embaixadora com a pompa e cerimônia habituais.

O acordo de comércio foi concluído em Moscou no fim de 1925 e em fevereiro eu autentiquei o tratado ratificado em Oslo com o presidente do governo norueguês, I. L. Mowickl.

A assinatura marcou a realização bem sucedida de toda a minha missão na Noruega. Poderia então apres-

sar-me para novos objetivos e por esta razão deixei meu posto na Noruega.

Se alcancei algo neste mundo, não foram somente minhas qualidades pessoais que originalmente levaram a isto. Antes, minhas realizações são somente um símbolo do fato que a mulher, apesar de tudo, já está em marcha rumo ao reconhecimento geral. É a inserção de milhões de mulheres no trabalho produtivo, que foi efetuada de forma rápida especialmente durante a guerra, que introduziu à força no reino da possibilidade o fato que uma mulher poderia avançar às posições políticas e diplomática mais elevadas. Não obstante, é óbvio que somente um país do futuro, como a União Soviética, pode ousar confrontar a mulher sem nenhum preconceito, para considerá-la somente do ponto de vista de suas habilidades e talentos e, conseqüentemente, incumbi-la de tarefas de responsabilidade. Somente as frescas tempestades revolucionárias foram fortes o bastante para varrer velhos preconceitos contra a mulher e somente as pessoas com trabalho produtivo podem igualar e liberar completamente a mulher, construindo uma sociedade nova.

No momento em que finalizo esta autobiografia, vivo o momento inicial de novas missões e a vida me faz novas exigências.



Independentemente de quais outras tarefas eu realizarei, está perfeitamente claro para mim que a libertação completa da mulher trabalhadora e a criação das bases de uma nova moral sexual manter-se-ão para sempre como o alvo o mais elevado de minha atividade, e de minha vida.

*Julho de 1926*



## NOTAS

**1** Associação para Proteção às Mães, fundada pela Dra. Helena Stöcker para a luta em defesa das mães solteiras e pela igualdade dos filhos “ilegítimos”. [N. T.]

**2** Essa correspondência foi posteriormente publicada na Rússia. [N. A.]

**3** Zimmerwald, junto com Kienthal, foram cidades onde os socialistas contrários à guerra se reuniram em conferência para reorganizar o movimento dos trabalhadores. [N. E.]

**4** O termo “comissário(a) do povo” indica, aqui, um posto equivalente ao de ministro. [N. E.]

**5** A manufatura de baralhos era um monopólio do Estado. [N. A.]

**6** Reunião de todos comissariados, portanto, o primeiro escalão do governo. [N. E.]

**7** Kollontai certamente refere-se às negociações do Tratado de Brest-Litovsk, pelo qual a Rússia soviética acertou em separado com a Alemanha o fim da I Guerra Mundial e teve de ceder a Finlândia e outros territórios. A autora pediu liberação do comissariado por sua oposição à assinatura do acordo, como ficará veladamente referido nos próximos parágrafos. [N. E.]

## **A AUTORA**

**Alexandra Kollontai** nasceu em 1872 no seio de uma rica família russo-finlandesa. Ao morar nos territórios de ambas nações, foi desenvolvendo fluência em diversas línguas. Começou seu ativismo instruindo camponeses e, ao conhecer a situação do trabalho fabril, resolveu-se pela militância marxista. Foi uma das primeiras militantes da social-democracia a levantar as bandeiras da libertação feminina, combatendo firmemente o feminismo das burguesas, tendo organizado a secretaria de mulheres do bolchevismo. Quando a I Guerra Mundial estourou, organizou junto com Lenin e outros a Conferência de Zimmerwald para se lhe opor. Realizou inúmeras experiências internacionais, antes e depois da Revolução russa, na qual tomou parte – foi a

única apoiadora no partido bolchevique das Teses de Abril de Lenin desde quando publicadas. Organizou as principais leis sobre nacionalidades e bem-estar social. Sua postura crítica e autônoma esteve patente já quando do Tratado de Brest-Litovsk, mas ainda mais depois, quando se opôs à proibição das facções em 1922 e se solidarizou com a Oposição de Esquerda contra Stalin. Acabou aceitando um afastamento branco, ao se encarregar de delegações e embaixadas no estrangeiro, até 1945; desse ano até sua morte em 1952, resignou-se ao cargo de conselheira do Ministério das Relações Exteriores soviético.

## **OUTROS TÍTULOS DA COLEÇÃO 10**

**1 Os sindicatos e a luta contra a burocratização**

José Maria de Almeida

**2 Chávez levará a Venezuela ao socialismo?**

Alejandro Iturbe

**4 Homossexualidade: da opressão à libertação**

Hiro Okita

**5 O Oriente Médio na perspectiva marxista**

Josef Weil (org.)

Estes e outros títulos você pode adquirir em  
**[www.editorasundermann.com.br](http://www.editorasundermann.com.br)**

1ª edição [2007]

Para a composição deste livro foi usada, no corpo de texto, a fonte Caslon, desenhada por William Caslon (1692-1766), com tamanho 11 pt e entrelinhas de 14 pt. Para cabeçalhos, títulos, subtítulos, utilizou-se a fonte Univers, desenhada por Adrian Frutiger (1928- ).

A impressão ficou a cargo da Gráfica Vida e Consciência de São Paulo, Brasil e realizou-se em papel ofsete 75 g/m<sup>2</sup> fornecido pela própria gráfica.

Esta primeira edição tem tiragem de 1.000 exemplares.

Impresso em julho de 2007.